

PRIMEIRA LINHA **A SEGUNDA VAGA**

# Especialistas defendem medidas locais no combate à covid-19

**Peritos afastam, para já, solução nacional e incentivam o Governo a optar por abordagens locais. Propõem também alterações ao modo como são coletados e disponibilizados os dados pelas autoridades de saúde e melhorias na comunicação com os jovens.**

**VICENTE LOURENÇO**

vicentelourenco@negocios.pt

Tiago Sousa Dias



**Especialistas descartam hipótese de um novo confinamento em Portugal para combater a covid-19.**

O aumento dos casos diários de infeção pelo novo coronavírus, em Portugal, levou o primeiro-ministro a decretar, na passada quinta-feira, a situação de calamidade no país e a proibição de ajuntamentos de mais de cinco pessoas na rua ou em estabelecimentos comerciais. No dia seguinte, em Bruxelas, António Costa admitiu que a imposição de um novo confinamento nacional não está fora das medidas equacionadas pelo Governo para travar a disseminação do SARS-Cov-2. A declaração conta com o apoio do Presidente da República, mas não tem sido secundada pelos especialistas.

“Tenho dito repetidamente que nos devemos concentrar nas medidas que a ciência tem provado que são efetivas”, diz Adalberto Campos Fernandes, ex-ministro da Saúde. “Falamos em primeiro lugar de distanciamento físico, uso de máscara intensiva, higiene das mãos, etiqueta respiratória e complementarmente a realização de testes, aquilo que a OMS definiu em abril como testar, testar, testar”, acrescenta, afastando a hipótese de uma solução nacional: “A melhor forma de interromper as cadeias de transmissão é um trabalho local (...). Deve ser feito em função do risco que temos em cada zona. É errado comprometer o normal funcionamento de zonas do país que estão relativamente protegidas.”

A opinião é partilhada por Miguel Castanho. O investigador principal do Instituto de Medicina Molecular considera que as medidas que têm sido implementadas são pouco diferenciadas, ex-

plicando que “isso entendeu-se no início porque não havia historial nenhum do vírus”, mas que “agora temos mais experiência, sabemos mais”.

Para Miguel Castanho, Portugal e a Europa estão numa situação diferente da verificada quando confrontados pela primeira vez com o novo coronavírus, o que se devia refletir nos dados disponibilizados pelas autoridades de saúde. “Já mudámos muito a capacidade de testagem. Gostava de saber o número de novos casos face ao número de novos testes.” Refere o também professor na Faculdade de Medicina de Lisboa, classificando como “pouco informativo” o número de infeções diárias. “Outro aspeto importante é que as áreas metropolitanas são muito críticas. Devíamos decompor os dados em áreas metropolitanas versus outras áreas (...). Não vale a pena tomar grandes medidas generalistas para todo o país. Pode ser injustificadamente duro para certas regiões.”

Convém observar também o que está a acontecer noutros países europeus, lembra o antigo diretor-geral da saúde, Constantino Sakellarides, dando os exemplos de Inglaterra, França e Espanha, onde as medidas são diferenciadas de acordo com o risco. O professor da Escola Nacional de Saúde Pública, da Universidade Nova de Lisboa, acredita que a estratégia de combate à covid-19 deve consistir numa “mistura indicada” de políticas nacionais e políticas regionais, e lamenta a ausência de uma análise cuidada sobre o tema. “O Governo convocou para sexta-feira o conselho nacional de saúde pública, que é o órgão de aconselhamento. Esse conselho vai dar uma opinião. Essa

“

**Impor restrições aos cidadãos são sempre as medidas fáceis. É empurrar a responsabilidade para cima dos outros. Devemos primeiro educar a população. Sistemáticamente, a resposta ser limitar direitos parece-me fácil.**

**RICARDO MEXIA**

Presidente da Associação Nacional dos Médicos de Saúde Pública

**Tenho dito repetidamente que nos devemos concentrar nas medidas que a ciência tem provado que são efetivas.**

**ADALBERTO CAMPOS**

**FERNANDES**

Ex-ministro da Saúde

**Não vale a pena tomar grandes medidas generalistas para todo o país. Pode ser injustificadamente duro para certas regiões.**

**MIGUEL CASTANHO**

Investigador Principal do Instituto de Medicina Molecular

”

## EUROPA CONTRA A COVID-19

A segunda vaga do SARS-Cov-2, na Europa, está a preocupar o Velho Continente e a intensificar medidas restritivas decretadas pelos governos para conter a disseminação do vírus.

### REINO UNIDO

Inglaterra tem implementado um sistema de níveis. Para já, só Liverpool, Lancashire e Manchester foram colocados sob o nível 3, o mais alto da escala, o que implica o fecho dos "pubs" e a proibição de confraternização com pessoas que não vivam na mesma casa. Na Escócia, os bares e outros locais de lazer estão encerrados, tal como na Irlanda do Norte, que decidiu ainda fechar os restaurantes e as escolas. O País de Gales decretou confinamento obrigatório.

### PORTUGAL

O primeiro-ministro, António Costa, decretou, na semana passada, o regresso do país à situação de calamidade e a proibição de ajuntamentos de mais de cinco pessoas na rua. Anunciou ainda a intenção de tornar obrigatórios o uso de máscara em determinadas circunstâncias e a instalação da aplicação StayAway Covid. No entanto, o governante já alertou que Portugal poderá voltar ao estado de emergência.

### ESPAÑA

Soube-se esta terça-feira que o Executivo espanhol está a estudar a hipótese de impor um recolher obrigatório em todo o país. Desde a primeira vaga que a política sanitária está a cargo das autoridades regionais, à exceção de Madrid. O Governo impôs restrições de mobilidade em 10 municípios da capital. Na Catalunha os bares e restaurantes estão fechados e em Navarra vigora o confinamento obrigatório.

### FRANÇA

Desde a meia-noite do dia 17 de outubro que o estado de emergência vigora em França. Além disso, há ainda oito cidades francesas sob um regime de recolher obrigatório. Os habitantes de cidades como Paris, Marselha, Lyon ou Toulouse, devem ficar em casa entre as 21h e as 6h. Qualquer incumprimento pode dar origem a multas que oscilam entre os 135€ e os 1.500€. As medidas vão manter-se durante quatro semanas, mas Macron quer prolongá-las até dia 1 de dezembro.

### BÉLGICA

O novo primeiro-ministro belga, Alexander De Croo, determinou o fecho de bares e restaurantes. A venda de álcool está também proibida a partir das 20h e há um recolher obrigatório para o período entre a meia-noite e as 5h. As medidas são uma tentativa do governo de Bruxelas de evitar o confinamento do país. De acordo com o jornal The Guardian, entre os dias 9 e 15 de outubro, a média diária de infeções superou os 7.800 casos.

### REPÚBLICA CHECA

A República Checa é um dos países que tem sido mais afetado pela segunda vaga de infeções, com o número de casos diários registado na passada sexta-feira a ultrapassar os 11 mil. Como resposta, o Executivo de Praga ordenou, no dia 14 de outubro, o fecho de bares e restaurantes. O consumo de álcool está também proibido, as aulas devem ser lecionadas à distância e o uso de máscara é encorajado por parte do governo.

### GRÉCIA

O aumento de casos diários no país (ultrapassou pela primeira vez as 600 infeções diárias esta terça-feira) levou o governo heleno a abortar os planos que visavam o regresso do público aos eventos desportivos. Em vigor está o uso obrigatório de máscara em espaços fechados, como, por exemplo, nos transportes públicos. A região de Ática, onde fica Atenas, adotou regras mais severas e decretou o encerramento de bares entre as 00h e as 5h.



Fonte: Worldometer e imprensa internacional

Área: 1723cm² / 92%

Tiragem: 16.981

Foto: 4 Cores

ID: 6971580

opinião está limitada ou condicionada pelos dados que o Governo tem à disposição (...). São precisos dados regionais e locais detalhados. É necessária informação muito precisa sobre até que ponto é que a rede de saúde pública está a conseguir responder”, argumenta. Em cima da mesa, não está a procura por uma solução definitiva, mas sim a tentativa de “ganhar tempo até à vacina”.

Já Elisabete Ramos, a nova presidente da Associação Portuguesa de Epidemiologia, considera que um novo confinamento “seria um cenário muito, muito indesejável” em Portugal. “Só seria possível se estivessemos mesmo na iminência de o SNS colapsar.”

### O problema da comunicação

“Impor restrições aos cidadãos são sempre as medidas fáceis. É empurrar a responsabilidade para cima dos outros”, diz Ricardo Mexia, presidente da Associação Nacional dos Médicos de Saúde Pública. “Devemos primeiro educar a população”, acrescenta.

A opinião é partilhada por Adalberto Campos Fernandes. O ex-ministro considera que o Executivo tem falhado na tarefa de instruir os portugueses e que tem contribuído para um “pânico desproporcionado”. Refere ainda que “comunicações muito pesadas e muito solenes só agravam essa ideia. Não estamos numa situação de alarme geral”. O antigo governante pede ao Executivo que melhore a comunicação, em particular com os jovens: “Temos de falar para os jovens e para os adultos mais jovens, explicando que as medidas de proteção individual se destinam também a proteger as pessoas mais vulneráveis”. Conclui, por isso, que devem ser feitas campanhas direcionadas: “Tenho a certeza de que num momento de importância nacional, os chamados ‘opinion leaders’, os youtubers, pessoas do espetáculo, desporto, essas pessoas estão disponíveis para, de uma forma voluntária, se envolverem num processo de comunicação.” ■

